

Fundo Multibiomas

# famaGAIA

S O C I O B I O E C O N O M I A

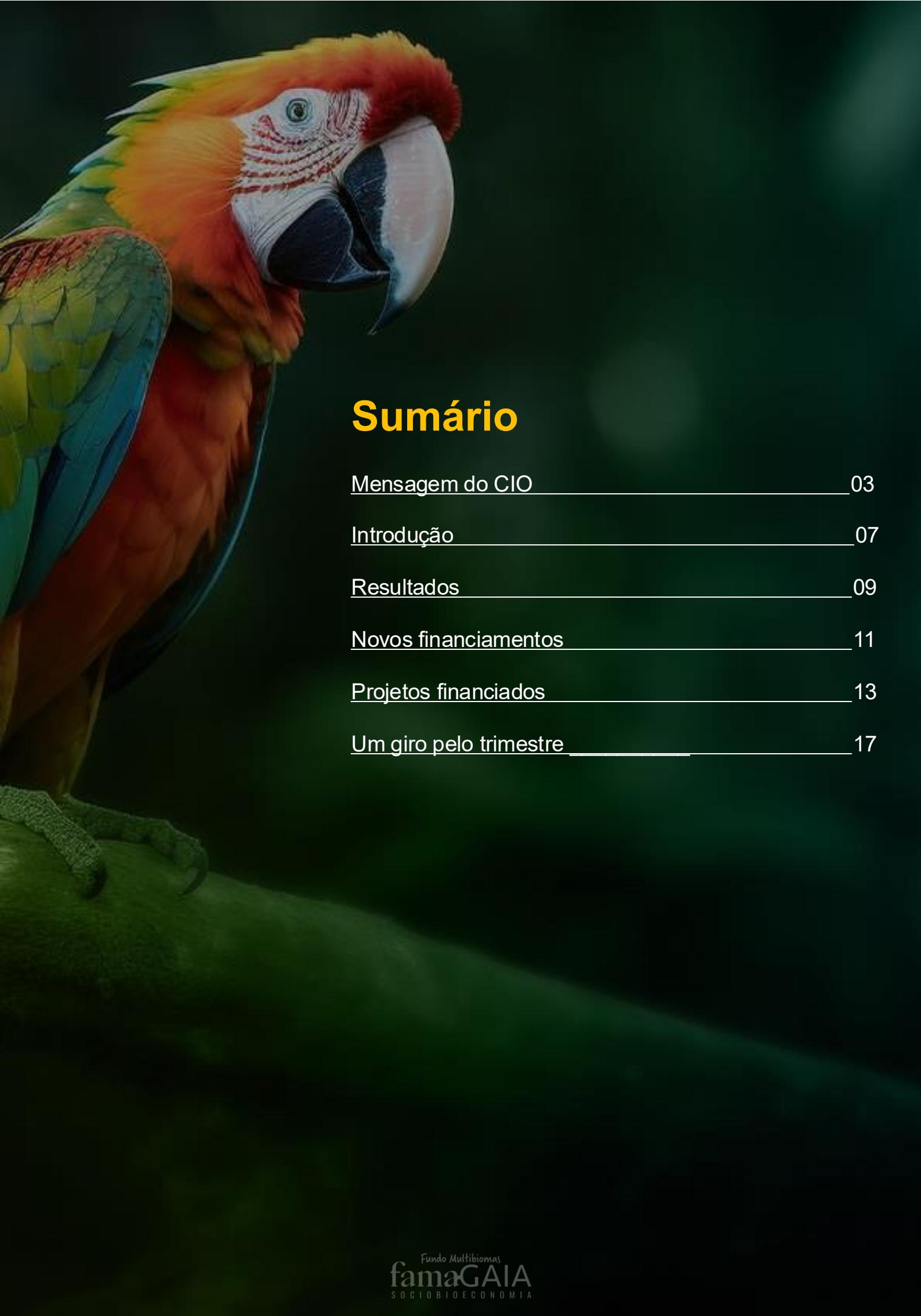
Relatório de Gestão 3T25



fama  
re.capital



GRUPO  
GAIA



# Sumário

<u>Mensagem do CIO</u>	03
<u>Introdução</u>	07
<u>Resultados</u>	09
<u>Novos financiamentos</u>	11
<u>Projetos financiados</u>	13
<u>Um giro pelo trimestre</u>	17

# Mensagem do CIO

O mercado financeiro vive de antecipar. Modelos de fluxo de caixa descontado, curvas de juros e análises de risco não fazem outra coisa senão tentar traduzir o futuro em valor presente. A precificação de qualquer ativo na lógica financeira pressupõe que seu valor se dá pelo cômputo do valor presente de seus fluxos futuros, o que significa que quanto mais distante no tempo está o fluxo esperado, menos ele vale hoje. Essa lógica sustenta a indústria financeira há séculos. Mas quando olhamos para o capital natural, essa equação entra em colapso. Na natureza, o futuro vale mais que o presente. Preservar uma floresta por dez anos gera valor cumulativo em biodiversidade, em estoque de carbono, em serviços ecossistêmicos. Traduzido para a linguagem financeira, a natureza opera sob uma taxa de desconto negativa.

Esse descompasso explica parte do atraso estrutural do mercado financeiro em lidar com a crise climática. Continuamos insistindo em modelos que reduzem a importância do longo prazo, quando na realidade os riscos se acumulam e os ativos ambientais se tornam mais valiosos à medida que o tempo avança. O resultado é uma subprecificação sistêmica dos riscos climáticos e uma invisibilidade das oportunidades relacionadas à conservação e à regeneração. Ao ignorar essa inversão, gestores e investidores comprometem não apenas o futuro do planeta, mas também a solidez de seus portfólios.

Esse problema se torna ainda mais grave quando analisamos o comportamento do setor. O mercado de capitais continua agindo de forma reativa, raramente propositiva. Os poucos instrumentos disponíveis na tese ambiental em grande parte reproduzem estruturas já conhecidas, sem desafiar os fundamentos de alocação de risco e retorno. Há até alguma inovação de forma, mas pouca de substância. A lógica dominante segue a mesma. O mercado ainda trata sustentabilidade como restrição ou custo reputacional, e não como uma fonte primária de criação de valor.

Nesse contexto, a COP30, que será realizada no Brasil em novembro, poderia representar uma chamada direta ao setor financeiro. A primeira carta emitida pela presidência da COP foi clara: estamos vivendo o primeiro ano em que a média global de temperatura ultrapassou 1,5°C acima dos níveis pré-industriais e, se nada for feito, não haverá estabilidade financeira possível. A crise climática deixou de ser tema para relatórios de sustentabilidade e deve ser variável de risco sistêmico.

Mas a resposta não pode ser mais um acúmulo de ações isoladas. A ciência caminha em uma direção, enquanto o poder público em outra, e os reguladores e o capital cada qual em outros caminhos diversos. O resultado é fragmentação. Há diálogos e parcerias, mas quase sempre marginais, como se cada ator pudesse cumprir sua parte sem alterar os fundamentos do sistema. Esse modelo não funciona. Precisamos de coautoria: a construção conjunta de soluções desde a origem, integrando ciência, política e capital.

Foi exatamente essa lacuna que buscamos endereçar neste trimestre ao publicar um estudo no periódico científico internacional PLOS Sustainability and Transformation. Trata-se de um marco. Não é uma tese unilateral proposta por uma gestora, mas um estudo submetido a revisão por pares, validado pela comunidade acadêmica global. O artigo analisou 123 companhias listadas na B3, responsáveis por quase três quartos das emissões corporativas brasileiras. Os resultados foram contundentes.

Primeiro, a variável mais significativa para explicar as emissões não é a existência de metas climáticas, mas a lucratividade. Empresas mais rentáveis emitem mais gases de efeito estufa. Isso revela que, no Brasil, a trajetória de emissões segue atrelada ao ciclo econômico, e não à adesão voluntária a compromissos climáticos.

Segundo, as metas, quando existem, são frequentemente superficiais: mais da metade das companhias analisadas não possuíam qualquer meta formal, e 81% das que possuíam não estavam alinhadas ao Acordo de Paris. Terceiro, observamos um padrão: reduções se concentram em energia (escopo 2), onde o grid brasileiro já é relativamente limpo, enquanto as emissões de cadeia (escopo 3) seguem crescendo, sem estratégias robustas.

Esses achados refletem falhas estruturais. Em um ambiente de *enforcement* regulatório frágil, metas voluntárias tendem a reproduzir o business as usual em vez de transformá-lo. Sem integração entre políticas públicas, pressões de mercado e ciência, não há incentivo real para reduzir emissões em escala.

Esse diagnóstico dialoga diretamente com nossa convicção de que o engajamento deve ser tratado como interseccionalidade. Engajar significa construir pontes entre ciência, política e mercado. É diferente de pressionar de fora, ou de exigir compromissos genéricos. É trabalhar junto, de forma a redesenhar estratégias empresariais que façam sentido para acionistas, reguladores, cientistas e sociedade.

Foi o que fizemos, por exemplo, ao publicar mais um estudo, desta vez em conjunto com a SLC Agrícola. Esse trabalho mostrou como é identificar alavancas de redução e, ao mesmo tempo, gerar valor econômico. É coautoria na prática: construção compartilhada de caminhos.

Para os investidores, a escolha é simples: continuar acumulando riscos não especificados em portfólios expostos à lógica linear do business as usual, ou se posicionar como protagonista de uma transição que, além de necessária, é fonte de valor duradouro.

Na fama re.capital, escolhemos estar na fronteira dessa transição. Acreditamos que retorno financeiro robusto e regeneração socioambiental são dimensões inseparáveis do capital. Nossa trajetória tem mostrado que engajamento estratégico e interseccionalidade ampliam a resiliência das empresas, e criam valor sustentável no sentido mais literal.

Um mutirão foi convocado pelo presidente da COP30. Agora, cabe ao mercado financeiro decidir se permanecerá como seguidor, reagindo ao que já é inevitável, ou se assumirá seu papel de protagonista, construindo soluções em coautoria. A escolha é clara. E o tempo, que no mercado costuma ser descontado, na natureza já corre com juros negativos.



Fabio Alperowitch

CIO da fama re.capital

## Introdução

No terceiro trimestre de 2025, o FamaGaia Soiobioeconomia FIDC acumulou um total de **13 projetos financiados, expandindo a nossa atuação nos biomas Cerrado e Mata Atlântica.**

Neste trimestre, o Fundo completa **um ano desde a publicação de seu primeiro relatório de gestão** — marco inicial de uma tese construída sobre a premissa de mobilizar capital para financiar quem protege os ecossistemas por meio de atividades produtivas da sociobioeconomia, criando um modelo de crédito multi-bioma capaz de fortalecer territórios, reduzir desigualdades e preservar a biodiversidade.

Ao longo desse período, o fundo manteve originação contínua em cinco biomas brasileiros, com estruturas de crédito customizadas, e conquistou investidores engajados, alinhados à proposta de oferecer crédito justo a quem atua na base das cadeias regenerativas.

**Processos-chave de verificação, governança e acompanhamento dos financiamentos foram fortalecidos**, e o fundo passou a ser reconhecido pelo caráter inovador do produto e de sua vertical como instrumento de investimento em sociobioeconomia e justiça climática.

**No acumulado desde o início das operações, 13 projetos foram financiados, alcançando mais de quatro mil pessoas diretamente impactadas por meio de iniciativas que unem inclusão produtiva, regeneração ambiental e fortalecimento de comunidades locais.** A taxa média ponderada de juros das operações é de 16% a.a., cerca de 18 pontos percentuais abaixo das taxas de mercado equivalentes, com inadimplência pontual e endereçada, e retorno acumulado em linha com o CDI.

O período também marcou o **início de um novo instrumento financeiro, o FamaGaia Socioambiental FIF**, para fortalecer a tese da vertical de investimentos em sociobioeconomia. O Fundo amplia o acesso de diferentes perfis de investidores a oportunidades de impacto na ponta, com um portfolio balanceado com ativos de alta liquidez e crédito socioambiental.

Um ano após a publicação do primeiro relatório, estamos ainda mais confiantes na tese e prontos para ir para outro patamar em termos de massa crítica de volume financeiro e impacto.

Neste relatório, apresentamos os **resultados do terceiro trimestre de 2025**, incluindo os principais indicadores de impacto e desempenho financeiro. Compartilhamos também os **novos financiamentos** realizados e uma **reflexão sobre a importância do fortalecimento do financiamento para a natureza**.



## Resultados

Fechamos o trimestre com projetos no portfólio que **impactam diretamente mais de 4 mil pessoas e com presença em cinco biomas brasileiros**: Amazônia (37%), Cerrado (29%), Mata Atlântica (25%), Caatinga (9%), e Pampas (1%). Com os últimos investimentos, desse e do último trimestre, ampliamos nossa atuação no Cerrado significativamente, diversificando ainda mais o portfólio além da Amazônia.

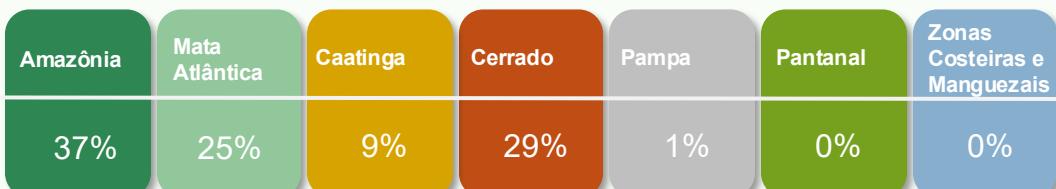
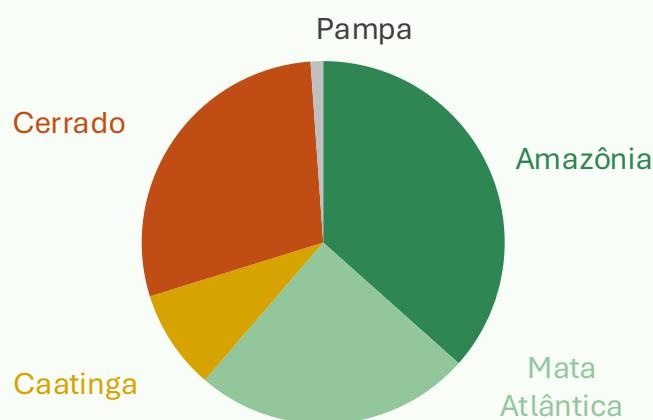
### Pessoas Diretamente Impactadas(\*)



\*dados atualizados de acordo com as informações mais recentes enviadas pelos projetos financiados

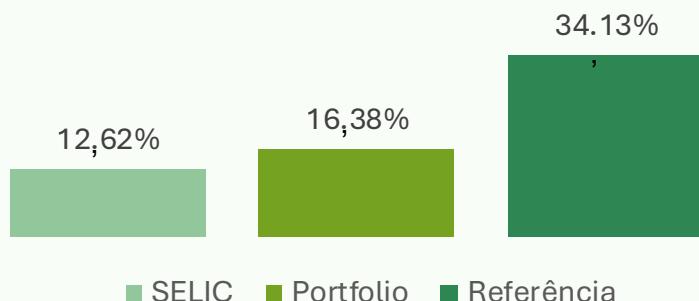
### Presença nos biomas

(% do saldo devedor)



Com os 13 investimentos atuais, mobilizando mais de BRL 8mm desde o início do fundo, **a diferença entre a taxa de juros média aplicada aos nossos tomadores de crédito e as taxas praticadas pelo mercado para créditos de mesma natureza é de quase 18 p.p.**, conforme dados do Banco Central.

### Taxa de juros (média ponderada, a.a.)\*



\*taxa de juros média e de referência considerando o momento de emissão do crédito

Seguimos oferecendo retornos financeiros enquanto promovemos mudanças positivas nas comunidades e no meio ambiente. No terceiro trimestre de 2025, o nosso retorno foi de 3,41%, em linha com o CDI do período; e nos últimos 12 meses, atingimos 13,08%, desempenho um pouco abaixo do benchmark.

É importante contextualizar que parte das operações da carteira de ativos são feitas com taxas pré-fixadas, já que alguns dos projetos preferem essa opção para terem mais previsibilidade de seus desembolsos. Essa composição da carteira se reflete em defasagens pontuais para a rentabilidade do fundo quando comparado ao CDI, porém representam uma possibilidade de recuperação em cenário de juros em queda, o que deve ocorrer no princípio de 2026.

	3T25	2025	12M
FIDC	3,41%	10,01%	13,08%
Benchmark (CDI)	3,70%	10,35%	13,30%
Retorno x Benchmark (p.p. a.a.)	CDI - 1,32%	CDI - 0,47%	CDI - 0,22%

## Novos Financiamentos

### *Unicafes MG: Redes Cooperativas de Agricultura Familiar*

A Unicafes MG – Federação de Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária de Minas Gerais – foi fundada em 2011 e reúne 23 cooperativas e mais de 2.200 cooperados formalizados, dos quais **35% são mulheres**. Atua na comercialização de cerca de 70 produtos, com destaque para banana, café e mandioca, e prevê faturamento de R\$ 24 milhões em 2025. Seus principais **canais de comercialização incluem o PAA e o PNAE**, além da abertura de novos canais digitais, como Shopee e Mercado Livre.

O financiamento foi estruturado por meio de CPR Financeira no valor total de R\$ 1 milhão, sendo R\$ 900 mil via FIDC e R\$ 100 mil via FIF. A operação possui **garantia de cessão fiduciária de recebíveis com o Estado de São Paulo** e o recurso será destinado a capital de giro para a compra da produção das cooperativas filiadas, com foco em três linhas prioritárias: **filé de tilápia, sucos de fruta e leite em pó**.

A operação contribui para a **geração de renda de agricultores familiares, com preços até 20% acima do mercado**, além de promover a inclusão produtiva de mulheres e fortalecer a economia solidária. Ambientalmente, apoia a transição agroecológica com redução do uso de agrotóxicos, além de **incentivar a regularização ambiental** (CAR) dos cooperados.



Agricultores familiares da Unicafes MG

## Ciranda Ecológica: Restauração e inovação agroflorestal

A Ciranda Ecológica Consultoria em Agroecologia Ltda., por sua vez, foi fundada em 2016 e atua em restauração ecológica, assistência técnica a produtores rurais e consultoria em sistemas agroflorestais no Vale do Paraíba (SP). A empresa **produz e comercializa mudas e insumos** e mantém parcerias com instituições e ONGs como Corredor Ecológico e Serra Acima, desenvolvendo projetos de referência como Agroecologia nas Montanhas do Rio Macaé, Projeto Saúva e Projeto Roça D'Água. A operação, foi estruturada via CPR Financeira no valor de R\$ 500 mil, com garantia de cessão fiduciária de recebíveis.

O recurso será destinado à **ampliação do viveiro de mudas**, incluindo a construção de uma nova casa de sombra, compra de insumos, contratação de equipe operacional e **aquisição de máquina para produção de paper pots** — recipientes biodegradáveis que substituem o plástico na produção de mudas. A Ciranda atua com mais de 200 coletores de sementes e mais de 100 espécies nativas, das quais 70 são alimentícias, e realiza uma coleta anual de 80 toneladas de alimentos. Desde sua fundação, já plantou mais de 100 mil árvores, beneficiando áreas de recuperação de biodiversidade, melhoria do solo, sequestro de carbono e conservação de recursos hídricos.

O projeto **prevê a capacitação de mais de 200 agricultores em práticas agroecológicas**, o fortalecimento dos grupos de coletores de sementes e a geração de emprego e renda em mais de 100 propriedades rurais. Cada 50 mil mudas produzidas equivalem à recuperação de aproximadamente 30 hectares de vegetação nativa, com sequestro anual estimado em 2.200 toneladas de CO<sub>2</sub>. Além disso, a adoção de *paper pots* reforça o compromisso com a eliminação de resíduos plásticos.



Mudas da Ciranda Ecológica

## Projetos Financiados

Projeto	Bioma	Descrição	Financiamento
 <b>UNICAFES</b> Minas Gerais	Cerrado	<p>Federação fundada em 2011 que reúne 23 cooperativas e mais de 2.200 cooperados, dos quais 35% são mulheres. Atua na comercialização de 70 produtos da agricultura familiar; destaque para banana, café e mandioca.</p>	<p>O crédito apoia a compra da produção, fortalecendo redes locais e promovendo inclusão produtiva com preços até 20% acima do mercado.</p>
 <b>CIRANDA ECOLÓGICA</b>	Mata Atlântica	<p>Empresa fundada em 2016 que atua em restauração ecológica e sistemas agroflorestais no Vale do Paraíba/SP. Produz mudas e insumos, com parcerias regionais e foco em inovação com paper pots biodegradáveis.</p>	<p>O crédito financia a expansão do viveiro e amplia a capacidade de produção de espécies nativas.</p>
 <b>COOPAAPI</b>	Cerrado	<p>Cooperativa de apicultura familiar com sede em Bocaiúva (MG), que produz mel orgânico com Denominação de Origem e também fabrica doces, aguardente, polpas e roupas de proteção.</p>	<p>Crédito via CPR-F para antecipar exportações e desenvolver novos produtos. Operação garantida por recebíveis e destinada a reforçar a estrutura de beneficiamento da cooperativa.</p>
 <b>Floryá</b> <small>agricultura familiar na sua essência</small>	Cerrado	<p>Cooperativa agroecológica formada por agricultoras em Bela Vista de Goiás (GO). Atua com hortifrutis, PANCs, panificados e mel; e produtos de comunidades quilombolas.</p>	<p>Crédito para embalagem e rotulagem de mel, fortalecendo a verticalização e a inserção em mercados institucionais como o PAA e o PNAE</p>

## Projetos Financiados

Projeto	Bioma	Descrição	Financiamento
 <b>COOASAFRA</b> Agricultura familiar na Amazônia	Amazônia	Cooperativa da agricultura familiar em Floresta do Araguaia (PA), de abacaxi, manga e acerola. Atua com práticas agroecológicas e inclusão de mulheres, promovendo o desenvolvimento comunitário.	Capital de giro via CPR-F para antecipar pagamentos da safra e cobrir despesas operacionais. Operação garantida por estoque de abacaxis.
 <b>CACAUWAY</b> O chocolate da Amazônia <b>Cacau agroecológico</b>	Amazônia	Cooperativa de produção de cacau localizada em Medicilândia (PA), com forte atuação feminina e produção em SAFs. Trabalha com insumos da sociobiodiversidade, como castanha e cupuaçu, e mantém parceria com indígenas.	Crédito via CPR-F para compra de amêndoas dos cooperados, com garantia em estoque. Reduz dependência de atravessadores e fortalece a cadeia do cacau na Amazônia.
 <b>comaru</b> <small>COOPERATIVA UNIDA DOS PRODUTORES E EXTRATIVISTAS DO RIO XICARAPU</small> <b>Extrativismo de Castanha-do-Brasil</b>	Amazônia	Cooperativa que atua na extração sustentável e processamento da castanha-do-brasil (AP). Também produz óleo, farinha e resinas orgânicas, preservando a biodiversidade local em uma área de 800.000 hectares.	Aporte para aumentar a capacidade de compra da produção de castanha, oferecendo preços superiores aos de intermediários e com reaproveitamento de resíduos.
 <b>matrunita</b> <small>DA AMAZÔNIA APICULTURA</small> <b>Apicultura familiar</b>	Caatinga	Empresa apoia mais de 1.800 apicultores no Nordeste brasileiro. Responsável pela logística, certificação e exportação de mel orgânico para mercados europeus.	Capital de giro para aquisição de mel dos apicultores, eliminando a dependência de intermediários. Promove práticas sustentáveis e preservação da biodiversidade local.

## Projetos Financiados

Projeto	Bioma	Descrição	Financiamento
<b>Fernandes</b> <b>Óleos</b> <b>Essenciais</b>  Cultivo do óleo essencial Poejo	Mata Atlântica	Empresa familiar, pioneira no cultivo orgânico de poejo (RS). Responsável por todo o ciclo de produção, desde mudas até óleos essenciais, atendendo exclusivamente à Natura.	Destinado à ampliação da fábrica, permitindo aumentar a capacidade produtiva para atender à crescente demanda. Também promove a inclusão de 15 famílias na cadeia de valor.
 Agricultura familiar na Amazônia	Amazônia	Cooperativa de derivados de mandioca e frutas em Santarém (PA). Atua na compra e processamento dos produtos e participa ativamente de programas governamentais.	Fortalece a compra de produtos pela cooperativa, promovendo incentivos diretos para que os cooperados sigam com as práticas regenerativas da agricultura familiar.
 Extrativismo de Açaí na Amazônia	Amazônia	Cooperativa de açaí na região do Bailinde (PA). Oferece assistência técnica para os cooperados e possui uma agroindústria para a liofilização do açaí.	Amplia o poder de compra da cooperativa, garantindo aos cooperados preços de compra justos e acima do que é oferecido pelo mercado.
 Cultivo de Cacau Cabruca na Bahia e no Pará	Amazônia, Mata Atlântica	Associação comunitária que financia diretamente produtores de cacau na Bahia e no Pará e realiza acompanhamento técnico rural para a gestão ambientalmente responsável.	Geração de renda para produtores do Cacau, restaurando os biomas e gerando valor econômico com espécie resistente à vassoura-de-bruxa (nome popular da doença <i>Minoliophthora perniciosa</i> ).

## Projetos Financiados

Projeto	Bioma	Descrição	Financiamento
 Agrofloresta Multibiomas	Amazônia, Mata Atlântica, Caatinga, Pampa, Cerrado	ONG que financia a regeneração dos biomas por meio da implantação de Sistemas Agroflorestais (SAF) de cacau em diversos estados (principalmente no PA, RO e BA).	Empoderamento econômico de produtores agrícolas, por meio de financiamento direto dos atores na ponta.

## Um giro pelo trimestre

O terceiro trimestre de 2025 continuou trazendo avanços na agenda da sociobioeconomia. A Brazil Restoration and Bioeconomy Finance Coalition (BRB Finance Coalition), por exemplo, anunciou o compromisso de mobilizar US\$ 2,6 bilhões até 2030 para restauração florestal e bioeconomia, fortalecendo a articulação entre gestores e investidores em torno de mecanismos de financiamento baseados na natureza. Esses movimentos refletem um momento de transição em que a **mobilização de capital começa a se aproximar da agenda de regeneração**.

Entendemos que a transição climática é um desafio de **reconfiguração econômica**. A questão central já não é apenas reduzir emissões, mas redefinir as bases que sustentam a geração de valor: **desde o aço e o cimento, até as cadeias produtivas da sociobioeconomia**.

Como observa Ernesto van Peborgh em seu artigo The Inflection Point, chegamos a um ponto em que a consciência sobre a urgência climática precisa se traduzir em coerência nas decisões econômicas. **É nesse espaço de transição – entre o discurso e a prática – que o FIDC Sociobioeconomia atua.**

O fundo existe para enfrentar uma lacuna histórica: a distância entre o capital e os territórios que mantêm a natureza viva. Essa lacuna não é apenas financeira, mas cultural.

Ao financiar cooperativas, viveiros e redes produtivas que regeneram biomas, o fundo oferece uma resposta concreta a essa desconexão, mostrando que o crédito pode ser uma ferramenta de restauração e não de extração.

O trabalho realizado até aqui demonstra que é possível alinhar rentabilidade e impacto. Cada operação estruturada **amplia o alcance do capital consciente, cada vez mais diversificado em diferentes cadeias produtivas** por todo o Brasil. Como parte do sistema financeiro que busca soluções para descarbonizar setores industriais e redesenhar cadeias globais, o FIDC Sociobioeconomia mostra que a transição justa e economicamente saudável também acontece nos territórios, nas comunidades e nas economias de base.

Fundo Multibiomas

# famaGAIA

S O C I O B I O E C O N O M I A



fama  
re.capital



GRUPO  
GAIA

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo. É fundamental a leitura do regulamento dos fundos antes de qualquer decisão de investimento. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Nenhum fundo conta com garantia da instituição administradora, da gestora ou do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. Para obtenção do Regulamento, Histórico de Performance, Prospecto, além de eventuais informações adicionais, favor entrar em contato com a fama re.capital ou com a Administradora do fundo. Para avaliação de performance dos fundos de investimento, é recomendável uma análise de período de, no mínimo, 12 meses.